**REFORMA DO ENSINO MÉDIO: UMA EDUCAÇÃO SUPERFICIAL QUE PERPETUA DESIGUALDADES SOCIAIS**

Fabiane de Santana Falci

Priscila de Souza Costa Couto

UERJ - Universidade do Estado do Rio de Janeiro

Resumo

A Reforma do Ensino Médio tem sido objeto de debates e críticas, especialmente sobre sua capacidade de proporcionar uma formação integral. A crítica central é que, ao flexibilizar o currículo e introduzir itinerários formativos, oferece uma educação superficial e tecnicista, inadequada para os desafios contemporâneos. O modelo prioriza a formação rápida e utilitária e acentua as desigualdades sociais, relegando estudantes vulneráveis a uma educação de menor qualidade. Assim, a reforma falha em promover uma educação que fomente a cidadania plena e a compreensão crítica do mundo. A formação humana, essencial para uma sociedade justa e igualitária, é substituída por um enfoque restrito ao mercado de trabalho, desvalorizando disciplinas que estimulam o pensamento crítico e a participação cidadã. Ademais, a reforma perpetua as desigualdades sociais, negligenciando a equidade e o acesso ao conhecimento, comprometendo a Educação como instrumento de transformação social.

Palavras Chaves: Desigualdades sociais. Formação superficial. Reforma do Ensino Médio.

**Reforma do Ensino Médio: Uma Educação Superficial que Perpetua Desigualdades Sociais**

A Reforma do Ensino Médio no Brasil, implementada a partir de 2017, tem suscitado intensos debates e críticas, especialmente no que se refere à sua capacidade de proporcionar uma formação integral e equitativa aos estudantes. No cerne dessas críticas está a flexibilização do currículo e a introdução de itinerários formativos, que oferecem uma educação considerada superficial e tecnicista. Esse modelo prioriza uma formação rápida e utilitária e revela-se inadequado para preparar os jovens para os desafios complexos da contemporaneidade, conforme apontam diversos educadores e teóricos críticos.

**A Reforma e a Educação Superficial**

Propõe-se aqui analisar a estrutura da Reforma do Ensino Médio e para tanto a observação inicial é que a mesma visa oferecer maior autonomia para que as escolas definam seus currículos, com uma ênfase considerável e notória em itinerários formativos específicos, como linguagens, matemática, ciências da natureza, ciências humanas e formação técnica e profissional. Contudo, essa flexibilidade curricular tem sido criticada por não assegurar uma base sólida de conhecimentos para todos os estudantes, como alerta o educador brasileiro Paulo Freire. Em sua obra "Pedagogia do Oprimido", Freire (1987) argumenta que a educação deve ser um ato de libertação, promovendo a conscientização crítica e a autonomia dos indivíduos.

No entanto, a reforma, ao focar em uma formação voltada para o mercado de trabalho, pode limitar essa emancipação, oferecendo uma educação que não contempla plenamente a formação humana integral e segue em oposição a esta ideia.

Além disso, Antonio Gramsci (1978), em suas reflexões sobre a educação, especialmente em "Os Intelectuais e a Organização da Cultura" (1978), destaca a importância de uma formação que vá além do treinamento técnico, defendendo a educação como um instrumento para a criação de uma consciência crítica e para a transformação social. Gramsci (1978) critica a educação que se concentra excessivamente em habilidades técnicas em detrimento do desenvolvimento intelectual e moral dos estudantes. A Reforma do Ensino Médio, ao desvalorizar e secundarizar disciplinas como Filosofia, Sociologia e Artes, que estimulam o pensamento crítico e a participação cidadã, parece ir contra todos esses princípios.

**Impactos na Equidade Educacional**

Um dos aspectos mais preocupantes da reforma é o seu forte potencial de acentuar as desigualdades sociais. A flexibilização do currículo e a diversificação dos Itinerários Formativos podem resultar em uma educação diferenciada para os estudantes de diferentes contextos socioeconômicos. O raciocínio aqui exposto é de que em escolas que disponham de melhores recursos, os estudantes podem ter acesso a uma formação mais rica e diversificada, enquanto em escolas com menos recursos, a oferta de itinerários pode ser bastante limitada, restringindo assim as oportunidades educacionais dos estudantes mais vulneráveis socioeconomicamente.

Essa questão é reforçada pelo sociólogo francês Pierre Bourdieu (2009), que em suas obras, como "A Reprodução" (2009), discute como o sistema educacional tende a reproduzir as desigualdades sociais existentes.

A reforma do Ensino Médio quando se propõe a criar diferentes percursos formativos, corre o risco de perpetuar essa lógica de reprodução, oferecendo uma educação de menor qualidade para os alunos de classes sociais mais desfavorecidas. Bourdieu (2009) argumenta que a escola, ao invés de ser um meio de ascensão social, frequentemente serve para legitimar e perpetuar as desigualdades estruturais da sociedade.

**Tessituras de Solidariedade e Convivência nos Espaços Educativos**

No eixo das tessituras de solidariedade e convivência nos espaços educativos, a Reforma do Ensino Médio também apresenta desafios significativos e complexos. A formação humana, que deveria ser o foco central para a construção de uma sociedade mais justa e igualitária, é paulatinamente substituída por um enfoque restrito ao mercado de trabalho. Paulo Freire (1987), em sua pedagogia, enfatiza a importância da educação como um processo dialógico, onde a solidariedade e o respeito mútuo são fundamentais para a construção do conhecimento e da cidadania plena (FREIRE, 1987). No entanto, a reforma mostra o negligenciamento desses valores, comprometendo a capacidade da Educação de atuar como um instrumento de transformação social.

Henry Giroux (1983), teórico da educação crítica, em sua obra "Theory and Resistance in Education" (1983), argumenta que a educação deve promover a justiça social e a democracia participativa. O autor critica as reformas educacionais que subordinam a educação aos interesses do mercado, alertando para os riscos de uma pedagogia que desvaloriza a formação crítica e cidadã. A Reforma do Ensino Médio no Brasil, ao priorizar a formação técnica e profissional, pode afastar-se desses ideais, comprometendo a formação de cidadãos conscientes e engajados.

**Perspectivas Futuras e Possíveis Caminhos**

Diante desse cenário, é crucial considerar possíveis caminhos que possam realmente contribuir para uma Educação mais justa e equitativa. Uma abordagem seria a implementação de políticas públicas que garantam recursos e infraestrutura adequados para todas as escolas, especialmente aquelas em áreas mais vulneráveis socioeconomicamente. Além disso, é fundamental promover a valorização de disciplinas que estimulam o pensamento crítico e a cidadania, como Filosofia, Sociologia e Artes, integrando-as de forma consistente no currículo.

Outra perspectiva importante é a formação continuada dos professores, capacitando-os para lidar com a construção de uma Educação socialmente comprometida. Paulo Freire, em "Pedagogia da Esperança" (1994), ressalta a importância dos educadores como agentes de transformação, capazes de fomentar uma Educação crítica e emancipatória. Investir na formação dos professores é, portanto, um passo essencial para garantir que a Educação vá além das meras reformas, que possa transformar a sociedade em sua estrutura e torná-la mais inclusiva e justa.

Além disso, é necessário promover um diálogo constante entre os diferentes atores envolvidos no processo educativo – estudantes, professores, gestores, famílias e comunidades – para construir um projeto educacional que realmente atenda às necessidades e aspirações de todos. A participação democrática na construção e implementação das políticas educacionais é um princípio fundamental defendido por Freire (1987) e Gramsci (1978), e deve ser um norteador para qualquer reforma educacional que vise à justiça social.

**Conclusão**

A Reforma do Ensino Médio no Brasil, apesar de suas intenções declaradas de modernizar e flexibilizar a Educação, enfrenta críticas substanciais em relação à sua capacidade de proporcionar uma formação integral e igualitária. Inspirando-se nos princípios de Paulo Freire e Antonio Gramsci, a análise crítica da reforma revela que uma educação superficial e tecnicista não é suficiente para preparar os jovens para os desafios complexos contemporâneos e pode aprofundar as desigualdades sociais existentes. Para que a educação cumpra seu papel de instrumento de transformação social, é fundamental que ela promova a cidadania plena, a liberdade de pensamento e o acesso ao conhecimento, valorizando a formação humana integral e crítica. A construção de uma Educação verdadeiramente emancipatória requer um compromisso com a justiça social, a equidade e a participação democrática em todos os níveis do sistema educacional.

**Referências**

BOURDIEU, Pierre; PASSERON, Jean-Claude. **A reprodução**: elementos para uma teoria do sistema de ensino. 5. ed. Petrópolis: Vozes, 2009.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido.** 17. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Esperança:** Um reencontro com a Pedagogia do Oprimido. 2. ed. São Paulo: Paz e Terra, 1994.

GIROUX, Henry. **Theory and Resistance in Education:** Towards a Pedagogy for the Opposition. South Hadley, MA: Bergin & Garvey, 1983.

GRAMSCI, Antonio. **Os intelectuais e a organização da cultura.** 2. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1978.